



O aconchego do ambiente familiar e a sorveteria atraem pessoas de toda cidade, senhoras e crianças para o bairro

Domingo na Ribeira

Famílias curtem a tarde de domingo na tradicional sorveteria da cidade baixa

Flávio Novaes

A sombra da amendoeira é o lugar escolhido pelos irmãos Nascimento para saborear o enorme sorvete de duas bolas. É apenas mais um domingo para Bárbara, a mais velha deles, que mora no Corsário, e sempre está na Ribeira, ao lado das duas filhas. Dessa vez, está acompanhada da irmã Elza, moradora do IAPI, e do irmão Crispim, residente em Ubatã e que aproveita o dia de sol para visitar a enseada. "Os meus vizinhos não acreditam como posso sair de um lugar que tem praia em frente para vir pra cá. Mas aqui é maravilhoso", diz Bárbara. Não se vê mais rodas de capoeira como na canção *Domingo no parque*, de Gilberto Gil, de 1967. Mas o ambiente familiar destoa do resto da orla de Salvador que, em dia de sol como o de ontem, a ordem é deixar permitir quase tudo.

Crianças de bicicletas pelas ruas tranqüilas, passeios pelas calçadas apreciando os barquinhos na península, refrescando-se com um caldo-de-cana e, claro, uma casquinha de sorvete. A intenção do casal Fileto e Eliana Sposito era passar o dia em São Thomé de Paripe. No meio do caminho perceberam, sobre a moto, que estava chovendo por lá. "Decidimos dar a volta e parar por aqui, que é tranqüilo e muito bonito", diz Eliana, moradora do Colina Azul, em Pau da Lima, enquanto tenta não sujar o capacete com o sorvete de chocolate.

Quando o ônibus para no final de linha, desce solitária a dona-de-casa Zildete Reis, 70 anos. Ela repete um ritual

praticado "há pelo menos 20 anos". Toda arrumada, vem curtir a tarde na Ribeira, deixando para trás a sua rua agitada no São Caetano. "É ótimo aqui, fico sentada apreciando o mar com um sorvete de ameixa e amendoim, que são os sabores que mais gosto", diz.

É necessário andar pouco mais de cem metros para todo o cenário mudar. Na entrada da Avenida Beira-Mar, em frente à Marina da Penha, auto-falantes de três bares estouram os sucessos de Pagodart, Afrodisiaco e Toque Novo. A Superintendência de Engenharia de Tráfego (SET) interdita o trânsito e os ambulantes montam barracas de churrasquinho, roupas e óculos escuros vendidos a R\$2.

Um pescador exibe orgulhoso sobre a calçada um caramuru de 1,10m aproximadamente recém-pescado para olhares curiosos. Um grupo de torcedores do Bahia se prepara para mais um Ba-Vi com garrafas de cerveja sobre a calçada. O ônibus com destino à Lapa aparece e o pagamento da conta é rápido, mas não tão veloz como o pique para não perder o transporte. "Eu gosto desse burburinho, sempre venho aqui com a minha família", grita a funcionária pública Aurilene de Oliveira, pois a nova música do Chiclete com Banana que sai do fundo de um carro domina o ambiente.

Mais adiante, a tranqüilidade volta a reinar. As barracas na Praia do Bogari também reúnem famílias e rodas de amigos. O som dos bares e dos carros não é tão alto. Mas, no lugar dos sorvetes, a cerveja.